

## O DISCURSO ORIENTADOR DOS PROFESSORES NO DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE VOCACIONAL: VOZES DE ALGUNS JOVENS DO ENSINO PROFISSIONAL

Dulce Martins, Instituto de Educação - Universidade de Lisboa,  
dulcemartins24@portugalmail.pt

Carolina Carvalho, Instituto de Educação - Universidade de Lisboa, cfcarvalho@ie.ul.pt

**Resumo:** Numa sociedade caracterizada pela diversidade, onde os professores têm forte influência no desenvolvimento pessoal e social dos jovens, o discurso orientador do professor constitui-se como um processo pedagógico de apoio e de promoção do desenvolvimento da identidade vocacional dos jovens (Mouta & Nascimento, 2008). Sendo a orientação educativa uma função da escola, os professores assumem o papel de criar um conjunto de experiências facilitadoras à aprendizagem e ao desenvolvimento de uma identidade vocacional (Andrade, Meira & Vasconcelos, 2002; Vega, 2009). Este trabalho faz parte de um projeto de investigação mais amplo<sup>1</sup>. Concretamente no estudo agora apresentado, o objetivo principal é conhecer como os jovens, estudantes do ensino profissional, percebem o discurso orientador dos professores no desenvolvimento da identidade vocacional. Participaram 42 jovens, com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos de idade, do ensino profissional na região de Lisboa. Nesta investigação utilizámos a escala *Dellas Identity Status Inventory–Occupation* (DISI-O; Dellas & Jernigan, 1981, adaptado por Taveira, 1986), e um questionário em formato de resposta aberta para avaliar como os alunos percebem o feedback dos professores. A análise dos resultados indica que a maioria dos jovens estão numa fase de identidade em moratória, em que ainda não fizeram escolhas ou tomaram decisões para um futuro profissional. Contudo, e de acordo com estudos de Hattie e Timperley (2007), a maioria dos jovens participantes entendem que os comentários e as informações fornecidas pelos professores são importantes em termos de auto-eficácia sobre a aprendizagem, orientadores e promotores do desenvolvimento da identidade vocacional.

### Introdução

Desde as últimas décadas do século XX até aos dias que vivemos no presente século XXI, têm ocorrido profundas e complexas alterações nos modos de regulação das sociedades ocidentais. A escola em todo o seu domínio educativo, inevitavelmente não conseguiu permanecer alienada a estas transformações (Alves, 2006). Pelo que, os grandes desafios que se afiguram na educação das novas gerações centram-se essencialmente na otimização de recursos e ferramentas capazes de providenciar as competências essenciais à participação consciente e proativa na sociedade moderna.

De um modo geral, reconhece-se que a ausência de uma educação de qualidade é sinónimo de reduzidas oportunidades quer no desenvolvimento das competências científicas, na formação pessoal e social dos jovens, bem como no que diz respeito a um futuro profissional (Carvalho *et al*, 2008). O ensino de estratégias centradas nos alunos, baseadas na orientação educativa, permite que as relações entre os diferentes agentes educativos (ex.: professor/aluno) se estreitem e conseqüentemente promovam a construção de significados pessoais e sociais necessários ao desenvolvimento de uma identidade vocacional.

As políticas educativas seguidas em Portugal, baseadas nos referenciais da União Europeia (Conselho Europeu, 2007; UNESCO, 2000) evidenciam a importância do papel da educação formal dos jovens, que ocorre em contexto escolar, na construção e no desenvolvimento de competências essenciais à formação de interesses e de valores, com os quais os jovens se vão progressivamente preparando para a vida ativa (Carvalho *et al*, 2008). Sendo uma das missões da escola favorecer a apropriação de saberes, que permitam aos jovens tornarem-se cidadãos ativos, a escola constitui-se não só como um espaço de aquisição de conhecimentos formais, indispensáveis à satisfação das necessidades sociais, mas também como um projeto ao nível da orientação educativa. Neste sentido, de acordo com Vega (2009) a orientação educativa cabe à escola em geral e aos professores em particular.

Os professores como agentes essenciais na educação dos jovens, para além do seu papel tradicional, constituem-se como personalidades na “formação e preparação dos jovens para as competências de vida e cidadania” (Mouta & Nascimento, 2008, p. 87). Em geral, é dos professores que se espera apoio e partilha de informação atualizada no processo de desenvolvimento vocacional (*ibidem*). Com efeito, segundo a opinião de Coimbra (1995), a ação dos professores na orientação educativa dos jovens é determinante no desenvolvimento da identidade vocacional, nomeadamente no que concerne à criação de oportunidades de

exploração, de relação e de interação “com o mundo das formações e com o mundo do trabalho” (p. 28). É neste sentido que o domínio educativo do discurso orientador do professor adquire um papel fundamental no desenvolvimento de práticas de orientação vocacional e conseqüentemente na construção e no desenvolvimento da identidade vocacional, com vista à promoção de opções de escolha e tomada de decisão para um futuro emprego ou profissão (Savickas, 1997/1998).

### **Metodologia**

O presente trabalho faz parte de um estudo mais amplo, procurando-se na presente comunicação conhecer como jovens estudantes em cursos do ensino profissional, para equivalência ao 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, percecionam o discurso orientador dos professores no desenvolvimento da identidade vocacional.

No estudo que agora se apresenta participaram 42 jovens (todos do género masculino), com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos de idade ( $M=16,5$  e  $DP= 1,46$ ). Os jovens constituíam 4 cursos, sendo um deles de equivalência ao 2º Ciclo e os três restantes ao 3º Ciclo do Ensino Básico, designadamente: Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), Empregado de Mesa (EM), Cozinha e Operador de Manutenção Hoteleira (OMH).

Os jovens responderam a dois instrumentos. A escala *Dellas Identity Status Inventory–Occupation* (DISI-O) desenvolvida por Dellas e Jernigan (1981) e adaptada para Portugal por Taveira (1986). Concretamente com a escala pretendia-se compreender as características de identidade vocacional dos jovens participantes, em termos de idade e de curso profissional. A escala DISI-O, é constituída por 35 afirmações e serve para avaliar a identidade vocacional dos jovens em cinco estatutos, semelhantes à taxonomia desenvolvida por Márcia (1964), designados por Realização da Identidade, Identidade em Moratória, Adopção de Identidade,

Difusão-Difusão e Difusão-Sorte. Segundo Taveira e Campos (1987), “Cada estatuto caracteriza-se pela presença ou ausência e grau de exploração de alternativas e pelo grau de investimento efectivo e de acção em questões de identidade vocacional (p. 55-56)”.

O segundo instrumento aplicado foi um questionário em formato de resposta aberta para avaliar como estes jovens percecionam o feedback dos professores na construção e no desenvolvimento da identidade vocacional.

### **Resultados**

Na análise e discussão dos resultados obtidos, do estudo agora apresentado, tiveram-se em conta os seguintes objetivos centrais: a) Avaliar as características de identidade vocacional dos jovens participantes, segundo a idade e o curso b) Conhecer as percepções dos jovens participantes sobre o discurso orientador dos professores no desenvolvimento da identidade vocacional.

#### *Caraterísticas da identidade vocacional dos jovens participantes*

Na Tabela 1, apresentada em seguida, estão organizados os dados recolhidos através da escala DISI-O para avaliar as características da identidade vocacional dos jovens participantes, segundo a idade.

**Tabela 1.** Elementos estatísticos de cada estatuto de identidade vocacional, segundo as idades dos jovens participantes.

Grupo Etário	Estatutos da Identidade Vocacional									
	Realização da Identidade		Identidade em Moratória		Adopção de Identidade		Difusão-Difusão		Difusão-Sorte	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Inferior a 16 anos (N= 11)	24,7273	2,04846	27,7273	2,06151	20,7273	1,82154	24,7273	1,52846	23,1818	1,94688
16-17 anos (N= 18)	29,1667	1,56141	32,3889	1,76019	25,7778	1,93009	30,5000	1,85014	27,8889	1,61647
Superior a 17 anos (N= 13)	27,7692	2,53389	29,0769	2,26363	23,0769	2,26693	24,8462	1,84156	23,0000	1,99652

Na Tabela 1 pode-se ler a idade dos jovens participantes considerada em três grupos etários. Estes grupos etários foram pensados com base na média de idades dos jovens participantes (M=16,5) e na teoria da identidade vocacional, a qual refere que é essencialmente durante a adolescência que ocorre um maior desenvolvimento da identidade vocacional (Erikson,1950; Holland, 1959; Marcia, 1966). Contudo, o período da pré adolescência é igualmente importante na resolução de questões de identidade vocacional (Marcia, 1966).

No que respeita à idade, os resultados encontrados na Tabela 1 parecem indicar que a maioria dos jovens se encontra no estatuto da Identidade em Moratória, com maior incidência para os jovens entre os 16 e os 17 anos de idade. É igualmente este grupo etário que se evidencia valores mais contrastantes nos estatutos Difusão-Difusão e Difusão Sorte. Neste caso e de acordo com a taxonomia desenvolvida por James Marcia (1964, 1966) a maioria dos jovens participantes neste estudo revela estar a viver uma crise de identidade, encontrando-se a explorar várias vias ou opções vocacionais, mas ainda não fez qualquer opção ou assumiu um compromisso efetivo. Evidenciam um investimento muito vago, sendo por isso que provavelmente se encontram também mais difusos, ou seja, num estado em que os jovens não

têm uma percepção presente ou muito clara de que têm de fazer escolhas e assim definir uma orientação vocacional. Muito embora, os valores da realização da identidade pareçam indicar que alguns destes jovens entre os 16 e os 17 anos de idade possam já ter iniciado um investimento mais ao menos firme face a planos vocacionais (Taveira, 2000).

Na Tabela 2 estão organizados os dados recolhidos através da escala DISI-O para avaliar as características da identidade vocacional dos jovens participantes, de acordo com o curso que frequentavam.

Nesta Tabela os valores encontrados, tal como na anterior (Tabela 1) sugerem que a maioria dos jovens participantes se encontra no estatuto da Identidade em Moratória. Neste caso percebe-se que à medida que a idade avança evidencia-se uma tendência de passagem para a Realização da Identidade. O Curso Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) é o que apresenta jovens com menor valor no estatuto de realização da identidade.

**Tabela 2.** Elementos estatísticos de cada estatuto de identidade vocacional, segundo os cursos frequentados pelos jovens participantes.

Curso	Média de idades (em anos)	Estatutos da Identidade Vocacional									
		Realização da Identidade		Identidade em Moratória		Adopção de Identidade		Difusão-Difusão		Difusão-Sorte	
		M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
PIEF (N=14)	15,5	21,3571	6,80053	24,8571	5,9337	19,2142	7,62766	23,5000	5,14033	21,9286	5,83707
EM (N=9)	16,7	25,7777	5,51764	27,7777	6,74124	22,6666	6,87386	23,6666	7,07106	22,2222	5,09356
Cozinha (N=9)	16,4	24,6666	3,24037	25,8888	4,45658	21,6666	4,27200	24,3333	2,91547	22,6666	3,53553
O M H (N=10)	17,8	25,0000	6,27162	25,9000	5,40473	19,7000	4,49814	22,0000	5,51764	21,0000	6,78233

Os jovens participantes que mostram valores mais altos nos estatutos Difusão são os que frequentam o curso de Cozinha, em seguida Empregado de Mesa (EM) o que corrobora a análise feita à Tabela 1, em que os jovens entre os 16 e os 17 anos de idade são os que se

notam mais difusos nas características da identidade vocacional. Os jovens participantes mais velhos a partir dos 17 anos, os que constituíam o grupo do curso de Operadores de Manutenção Hoteleira (OMH) são os que mostram valores mais baixos para os estatutos da Difusão da Identidade Vocacional. Estes valores parecem indicar que estes jovens do curso OMH experienciaram um período de exploração e que provavelmente estão a prosseguir objetivos de identidade que possam ter sido determinados pessoalmente.

De uma forma geral, os resultados apurados, através da aplicação da escala DISI-O, permitem-nos encontrar uma consonância com a teoria da identidade vocacional e com estudos anteriores (Dellas & Jernigan, 1981; Taveira, 1986, 2000; Taveira & Campos, 1987; Blustein & Noumair, 1996; Veiga & Moura, 2005). Concretamente, em termos de identidade vocacional, a maioria dos jovens participantes, em pleno período de adolescência, situa-se no estatuto da Identidade em Moratória, o qual é caracterizado pelos jovens que estão a viver um período de exploração das questões da identidade, manifestando dificuldade em fazer escolhas. Nesta situação, percebemos também que apesar dos jovens participantes neste estudo estarem a frequentar cursos que lhes conferem equivalência ao 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e que essencialmente lhes possibilitam adquirir competências essenciais para uma futura profissão, estes revelam dificuldades em definir uma orientação vocacional.

*Perceções dos jovens sobre o discurso orientador dos professores no desenvolvimento da identidade vocacional.*

Com a aplicação do questionário em formato de resposta aberta foi-nos possível conhecer a importância que os jovens participantes atribuem ao discurso orientador dos professores no desenvolvimento da identidade vocacional. Dos 42 jovens participantes, apenas 38 completaram o questionário em formato de resposta aberta.

As questões que destacamos deste instrumento são: Q1-Que comentários não gostas de ouvir do professor quando fala do teu trabalho? Q2-Uma nota baixa pode desmoralizar-te ou pode dar-te vontade de trabalhar mais. Já te aconteceu sentires-te assim? Conta-nos como foi. Quais as circunstâncias que levaram à desmoralização ou à motivação? Q3-Achas importante que os professores transmitam ou falem contigo sobre a tua avaliação? Q4-Nas avaliações que recibes dos professores, em alguma das ocasiões sentiste que este era o curso que sempre quiseste tirar para mais tarde conseguires um emprego/profissão?

As Tabelas a seguir apresentadas, mostram as categorias emergentes em cada uma das questões. O critério que presidiu à construção das categorias consistiu em agrupar, por semelhança de conteúdo, as justificações dadas pelos jovens a cada uma das questões em formato de resposta abertas (Bardin, 1977; Patton, 1990). As categorias e a frequência encontrada para cada uma delas estão presentes da Tabela 3 à Tabela 6 .

A resposta com maior frequência em relação à questão (Q1): “Que comentários não gostas de ouvir do professor quando fala do teu trabalho?” revela que os jovens participantes não gostam de comentários negativos por parte dos professores, tais como: "... o trabalho está mal feito" ou "...o trabalho está negativo”. A não ser que esses comentários forneçam orientação para futuras realizações.

Tabela 3. Frequências e Categorias emergentes da questão 1.

Categoria	Narrativas	Frequência
Comentários negativos	"que o trabalho está mal feito"	22
	"que o trabalho está negativo"	
	"Não gosto de críticas que me rebaixem"	
	"que não faço nada de jeito"	
Comentários injustos	"Não gosto que o professor me diga que podia ter feito melhor, quando eu me tinha esforçado para fazer o meu melhor"	8
	"Por vezes há professores que imaginam que têm sempre razão"	
Comentários que fornecem orientação	"... hoje em dia os comentários ajudam para melhorarmos os trabalhos"	6
	"Não gosto de ouvir críticas, a não ser que sejam críticas construtivas para eu melhorar"	
	Não respondeu	3
	Total	38

A Tabela 4, que mostra as respostas à questão (Q2): "Uma nota baixa pode desmoralizar-te ou pode dar-te vontade de trabalhar mais. Já te aconteceu sentires-te assim? Conta-nos como foi. Quais as circunstâncias que levaram à desmoralização ou à motivação?",

Tabela 4. Frequências e Categorias emergentes da questão 2.

Categoria	Narrativas	Frequência
Motivação	Sim, uma nota baixa levou-me a fazer melhor"	19
	Uma nota baixa motiva-me se o prof disser que haverá mais oportunidades para subir a nota	1
	"deu-me vontade de desistir de tudo porque a nota era injusta porque o prof. não avaliou bem."	2
Desinteresse	"... não me dá vontade de fazer melhor. Já houve vezes que trabalhei para ter boas notas e tive 3"	1
	"Não, nunca liguei muito às notas"	5
	"Desmoralizo"	6
	"Nessas alturas não fazia mais nada, ficava triste"	1
	"Quando levo uma nota baixa dá-me menos vontade de estudar"	1
	Não respondeu	2
	Total	38

podemos ler que 19 das 38 respostas dos jovens participantes: "Sim, uma nota baixa levou-me a fazer melhor", exceto quando algumas ocasiões podem levar ao desinteresse, como por

exemplo: "deu-me vontade de desistir de tudo porque a nota era injusta porque o professor não avaliou bem".

As narrativas registadas na Tabela 5 são decorrentes da questão (Q3): "Achas importante que os professores transmitam ou falem contigo sobre a tua avaliação?", é possível verificar que apenas uma categoria é emergente. Pois, praticamente a totalidade dos jovens considera que os professores fornecem comentários de orientação pedagógica, ajudando-os a identificar melhor as capacidades individuais e a ultrapassar dificuldades. Consideram ainda que os comentários dos professores são de valorizar "... porque os professores sabem" e assim revelam aos alunos "... que caminho seguir".

**Tabela 5.** Frequências e Categorias emergentes da questão 3.

Categoria	Narrativas	Frequência
Comentários de orientação	"ajudam-nos a perceber a nossa avaliação";	22
	"Sim, para saber como é que as coisas estão a correr";	
	"Sim, porque é sempre uma boa opinião, porque os professores sabem"	
	"Sim, porque eu tenho de saber quais as minhas capacidades e que caminho seguir"	
	"Sim, assim consigo saber o que tenho de melhorar"	
	Sim	15
	Não	1
	Total	38

A Tabela 6 mostra as frequências e as opiniões dos participantes em relação à questão (Q4): "Nas avaliações que recibes dos professores, em alguma das ocasiões sentiste que este era o curso que sempre quiseste tirar para mais tarde conseguires um emprego/profissão?"

**Tabela 6.** Frequências e Categorias emergentes da questão 4.

Categoria	Narrativas	Frequência
Motivação	“Sim, quando entrei para esta formação e comecei a estudar senti que este era o curso certo”	8
	“Sim, porque os professores me dizem que tenho jeito”	4
	“ Sim, quando o prof. me elogia e diz que até tenho jeito, dá-me mais vontade de seguir o curso”	5
Desinteresse	Não	13
	Não, porque o curso não tem nada a ver comigo	5
Indecisão	“Não sei”, “Nem por isso, ainda é muito cedo”	3
	Não respondeu	1
Total		38

Com os resultados da Tabela 6 é possível verificar que 17 das 38 respostas são categorizadas como motivadores os comentários que os professores dão aos seus alunos. Contudo, a maioria dos jovens participantes considera-os irrelevantes, onde alguns de modo preciso referem não se identificarem com o curso “...o curso não tem nada a ver comigo” ou simplesmente por se sentirem indecisos ou considerarem ser “...muito cedo” para refletirem nesta questão.

### Considerações Finais

A construção e o desenvolvimento da identidade vocacional, tal como da identidade individual é entendida como um processo dinâmico que se desenvolve em cada indivíduo, em participação com os outros, agentes educativos e sociais, portadores de experiências de vida pessoal e social diversas. Deste modo e de acordo com Holland (1959), a identidade vocacional consiste na aprendizagem de uma perceção sólida do próprio indivíduo em termos de objetivos (presentes e futuros), interesses e capacidades. É essencialmente durante a adolescência que “ocorre uma diferenciação crescente das preferências, interesses, competências e valores vocacionais” (p. 193) e por sua vez se desenvolvem as escolhas vocacionais.

Numa sociedade, onde os professores têm forte influência no desenvolvimento pessoal e social dos jovens, o discurso orientador do professor constitui-se como um processo pedagógico de apoio e de promoção do desenvolvimento da identidade vocacional dos jovens (Mouta & Nascimento, 2008). Sendo a orientação educativa uma função da escola, os professores assumem o papel proponderante em criar um conjunto de experiências facilitadoras à aprendizagem e ao desenvolvimento de uma identidade vocacional (Andrade, Meira, & Vasconcelos, 2002; Vega, 2009).

De acordo com os resultados obtidos neste trabalho, é possível compreender a importância que os jovens participantes atribuem ao discurso orientador dos professores no que concerne à construção e ao desenvolvimento da identidade vocacional, uma vez que a maioria dos jovens se encontram numa fase de Identidade em Moratória, em que ainda não revelam capacidade para fazer escolhas ou elaborar projetos coerentes para um futuro profissional. De acordo com estudos de Hattie e Timperley (2007), a maioria dos jovens participantes neste estudo entendem que os comentários e as informações fornecidas pelos professores são importantes em termos de auto-eficácia sobre a aprendizagem, orientadores e promotores à construção e à organização de projetos de vida dos jovens (Savickas, 1997/1998).

De uma forma geral, a orientação educativa e em particular o discurso orientador dos professores reúnem recursos eficazes como meio de preparação à construção e ao desenvolvimento das escolhas vocacionais e dos projetos de vida dos jovens (Almeida, 2008; Taveira, 2000; Veiga & Moura, 2005, Vega, 2009). A orientação educativa em contexto escolar possui inúmeras vantagens, na formação pessoal e social dos nossos jovens, uma vez que para muitos a escola pode ser uma oportunidade única de apoio ao processo de construção e desenvolvimento da identidade vocacional, possibilitando-lhes acesso à formação

profissional e consequentemente facilitando-lhes a transição para a vida ativa. Esta transição entre a escola e um futuro profissional, para além de ajudar os jovens nas suas escolhas vocacionais e de os inserir no mercado de trabalho, reduz a exclusão social, auxiliando os jovens a evitar essa mesma exclusão. (Almeida, 2008; Taveira, 2000, 2004; Vega, 2009; Savickas, 1997/1998).

### Referências

- Almeida, M.E.G.G. (2008). *(Re)pensando a Orientação Vocacional na Escola: Da teoria à Prática*. Dissertação tese de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro
- Alves, N. (2006). *Socialização escolar e profissional dos jovens : projectos, estratégias e representações*. Lisboa: Educa (Cadernos Sísifo ; 1)
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Blustein, D. L. & Noumair, D. A. (1996). Self and Identity in Career Development: Implications for Theory and Practice. *Journal of Counseling & Development*, 74, 433-441.
- Carvalho, C; Freire, S.; Baptista, M.; Freire, A.; Azevedo, M. & Oliveira, T. (2008). Changing practices, changing identities: a study with students at risk of educational exclusion. In: A. Ross (Ed), *Reflecting on Identities*. London: CiCe.
- Coimbra, J. L. (1995). Os Professores e a Orientação Vocacional. *Noesis*, 26-29. Porto: FPCE - Universidade do Porto.
- Dellas. M. & Jerningan, L.P. (1981). Development of an objective instrument to measure identity status terms of occupation crisis and commitment. *Educational and Psychological Measurement*, 41, 1039-1050.
- European Council (2006). *Progress towards the Lisbon objectives in education and training*. Brussels: European Council.
- European Council (2007). *Schools for the 21st century*. Brussels: European Council.
- Erikson, E. (1950). *Childhood and Society*. NY: Norton.
- Hattie, J. & Timperley, H. (2007). *Review of Educational Research*. 77 (1), 81-112.
- Holland, J., L. (1959). A theory of vocational choice. *Journal of Counseling Psychology*, 11, 27-34.
- Andrade, J.; Meira, G.; Vasconcelos, Z. (2002). O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. *Psicologia: ciencia e profissão*. 22(3), 46-53. Brasília: Universidade Federal da Paraíba. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_isoref&pid=S1414-98932002000300008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1414-98932002000300008&lng=pt&tlng=pt). Retirado em 26 maio 2012.
- Marcia, J. E. (1964). *Determination and construct validity of ego identity status*. Unpublished doctoral dissertation. Ohio: Ohio State University.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-559.

- Mouta, A. & Nascimento, I. (2008). Os (novos) interlocutores no desenvolvimento vocacional de jovens: Uma experiência de consultoria a professores. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(1), pp. 87-101.
- Patton, M. (1990). *How to use qualitative methods in evaluation*. Newbury Park: Sage.
- Savickas, M. L. (1997/1998) New developments in career theory and practice. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 13-14, 15-19.
- UNESCO (2000). *Education for All Forum*. Paris: UNESCO
- Taveira, M. C. (1986). *Identidade e desenvolvimento vocacional nos jovens*. Dissertação Tese de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- Taveira, M. C.; Campos, B. P. (1987). Identidade Vocacional de Jovens: Adaptação de uma Escala (DISI-O). *Cadernos de Consulta Psicológica*, 3, 55-67.
- Taveira, M. C. (2000). *Exploração e Desenvolvimento Vocacional de Jovens: Estudo sobre as Relações entre a Exploração, a Identidade e a Indecisão Vocacional*. (Tese de doutoramento publicada) Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto da Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Taveira, M. C. (2004). Os serviços de desenvolvimento vocacional em Portugal: algumas notas-estímulo para reflexão. *Psychologica*, Extra-série (número de homenagem ao Prof. Doutor Manuel Viegas de Abreu), 213-134.
- Vega, L. S. (2009). Orientación educativa e intervención psicopedagógica- Cambian los tiempos, cambian las responsabilidades profesionales. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Veiga, F. H.; Moura, H. (2005). Adolescents' vocational identity: Adaptation of the occupational identity scale (OIS). *Actas da International conference AIOSP 2005: Careers in context: new challenges and tasks for guidance and counseling*. Lisbon: University of Lisbon, FPCE, AIOSP.